

## 4 PERSPECTIVAS BAKHTINIANAS

A vida conhece dois centros de valores que são fundamentais e essencialmente diferentes, e ainda assim correlacionados um com o outro: eu mesmo e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do ser são distribuídos e dispostos (Bakhtin apud Faraco, 2003, 22).

### 4.1 A interação verbal

Para compreendermos melhor o pensamento bakhtiniano, devemos conhecer um mundo envolvido por relações dialógicas, no qual o sujeito se constitui à medida que vai ao encontro do outro.

Bakhtin se posicionava da seguinte maneira: “De minha parte, em todas as coisas, ouço vozes e sua relação dialógica” (Bakhtin, 2000, 413). Toda palavra comporta duas faces; é determinada pelo fato de se dirigir a alguém e proceder de alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte e serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. /.../ A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin, 1981, 113).

O eixo norteador de todo o pensamento de Bakhtin caracteriza-se pela interação verbal e seu caráter dialógico. Disso resulta a abordagem histórica e viva da língua e o tratamento sociológico das enunciações. A língua é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, por consequência, “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (Bakhtin, 1981, 124).

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna, é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (Bakhtin, 1981, 108).

Bakhtin acrescenta que a língua é constituída pela interação verbal entre os falantes, que se concretiza através das enunciações. “Por conceber o homem como um ser histórico e social, compreende a linguagem sob a perspectiva da situação concreta, considerando a enunciação e o contexto. É no contato entre a língua e a realidade concreta, via enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor, uma significação, uma expressividade” (Junqueira, 2003, 25). O significado se constrói dentro de um determinado discurso e essa construção se dá com o envolvimento dos participantes, da situação imediata ou do contexto mais amplo, ou seja, “a confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação” (Faraco, 2003, 60).

Bakhtin considerou o ato da fala e seu produto, a enunciação, protagonistas de uma interação. Eles “não podem ser explicados somente a partir das condições do sujeito falante, mas também não podem dele prescindir. Tendo a enunciação uma natureza social, para compreendê-la seria necessário entender que ela se dá numa interação” (Freitas, 2000, 134).

## **4.2** **O dialogismo em Bakhtin**

Eu nunca estou livre para impor minha intenção desimpedida, mas devo sempre mediá-la através das intenções dos outros, a começar pela outridade da linguagem em que estou falando. Tenho que entrar em diálogo com outrem. Isto não significa que não posso fazer com que meu próprio ponto de vista seja entendido, mas implica simplesmente que o meu ponto de vista há de emergir somente através da interação de minhas palavras e as de um outro à medida que elas contendem umas com as outras em situações particulares (Clark & Holquist, 1998, 264).

Bakhtin aborda o discurso humano argumentando que ele é uma rede complexa de inter-relações dialógicas com outros enunciados. Enfoca o conceito de diálogo e a noção de que a língua em qualquer de suas modalidades é sempre um diálogo, porém o termo diálogo utilizado por Bakhtin engloba algo mais amplo.

A concepção de linguagem em Bakhtin se fundamenta num caráter dialógico. Para ele, todo enunciado faz parte de um diálogo, portanto de um processo de comunicação ininterrupto. Cabe ressaltar que a concepção bakhtiniana de diálogo ultrapassa a noção de conversa, pois:

o diálogo não é entendido meramente no sentido óbvio de conversação entre duas pessoas. /.../ O diálogo é concebido de maneira mais compreensiva como o extensivo conjunto de condições que são imediatamente moldadas em qualquer troca real entre duas pessoas, mas não são exauridas em semelhante intercâmbio (Clark & Holquist, 1998, 36).

Silva (2004) destaca a mesma questão, mencionando que o dialogismo em Bakhtin, “opera em vários níveis: nas relações entre interlocutores, nas relações do texto com outros discursos e textos e do texto com o contexto” (Silva, 2004, 58).

No diálogo, considerado em seu primeiro nível, ou seja, relações entre interlocutores, aparecem três elementos: o falante, o interlocutor e a relação entre os dois. Bakhtin ainda reconhece a existência de um outro participante para cada ato de fala, ao qual Bakhtin dá o nome de *destinatário superior*. “O destinatário superior é aquele que antecipa a compreensão de um enunciado, quer dizer, prevê sua compreensão, num espaço metafísico ou num tempo historicamente distante” (Jobin e Souza, 1997, 110).

O locutor mantém relação com os enunciados de outros locutores e não somente com o objeto da enunciação. Os enunciados estão sempre em busca de uma resposta do outro. “Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado” (Bakhtin, 2000, 325). O destinatário participa ativamente na cadeia discursiva, sendo o enunciado construído em função da sua resposta (cf. Figura 3, cap.6, Níveis de Interação Verbal). “A palavra é um território compartilhado, quer pelo expedidor, quer pelo destinatário” (Bakhtin, 1981, 85). Sendo assim, uma intenção enunciativa é sempre mediada pelas intenções dos outros.

O enunciado é também sempre uma resposta a um enunciado anterior, ou seja, há relação entre o texto com outros discursos e textos, o que caracteriza o segundo nível de operação do dialogismo.

dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista, etc.) (Bakhtin, 2000, 354).

Qualquer enunciado tem seus outros e só poderá existir em relação a outros enunciados:

a palavra (ou qualquer signo, de modo geral) é interindividual.(...) O autor (locutor) tem seus direitos inalienáveis sobre ela, mas o ouvinte também tem seus direitos, e aqueles cujas vozes ressoam na palavra antes que o autor se aposses dela também têm seus direitos (...) qualquer desempenho verbal inevitavelmente se orienta por outros desempenhos anteriores na mesma esfera, tanto do mesmo autor como de outros autores, originando um diálogo social e funcionando como parte dele ( apud Stam, 2000, 73).

Brait (1996) sintetiza a dupla função do dialogismo bakhtiniano, ou seja, os dois primeiros níveis de operação que mencionamos acima:

o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que por sua vez instauram-se e são instaurados por esses discursos (Brait, 1996, 78).

Mas há ainda um terceiro nível de operação do dialogismo: nas relações entre o texto e o contexto.

Toda enunciação tem um aspecto lingüístico, que se refere a um enunciado pré-existente, e o contextual que é único, tendo como referência novos enunciados. O enunciado se produz num contexto que é sempre social e ligado a uma situação concreta, “não sendo necessária a presença do interlocutor, mas pressupondo sua existência” (Freitas, 2000, 135). Para Bakhtin o homem e a linguagem estão sócio-historicamente situados e, portanto, o significado é construído a partir da relação ou diálogo entre o discurso e a situação imediata ou o contexto mais amplo em que então envolvidos os participantes. Esta ligação entre o texto e o contexto pode ser considerada como o terceiro nível de dialogismo mencionado por Silva (2004) e será de grande importância para a análise das propagandas televisivas.

### 4.3

#### “Em tudo ouço vozes...”

“Uma das características principais do dialogismo é conceber a unidade do mundo nas múltiplas vozes que participam do diálogo da vida” (Jobin e Souza, 1997,104).

Categories mecanicistas... conseqüências, formalização e desumanização: todas as relações têm caráter lógico, enquanto em tudo ouço vozes e relações dialógicas entre elas (Bakhtin apud Kramer, 2003, 80).

A realidade lingüística se apresenta para Bakhtin como um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas – relações de recusa e aceitação, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de intersecções e hibridizações (Faraco, 2003, 80). É mergulhado nas múltiplas relações da interação socioideológica que o sujeito se constitui discursivamente, assimilando as vozes sociais. Como a realidade lingüística é heterogênea, o sujeito não assimila só uma voz social, mas várias. “O mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir” (Faraco, 2003, 81).

Na construção socioideológica dos indivíduos, as vozes poderão funcionar de diferentes maneiras: algumas funcionarão como vozes de autoridade, já outras como vozes internamente persuasivas (Bakhtin, 1981, 342). A palavra que se apresenta com caráter de autoridade nos cobra certo “reconhecimento e adesão incondicional”; enquanto a palavra internamente persuasiva se apresenta aberta para mudanças. Quanto mais as vozes funcionarem com características de autoridade, o discurso do sujeito se tornará mais monológico, “ao passo que quanto mais internamente persuasivas as vozes, mais galileana será sua consciência” (Faraco, 2003, 81).

Ao assumir o conceito de vozes sociais, Bakhtin contrasta a noção de diálogo (composto por duas ou mais vozes) com a idéia de monólogo (constituído por apenas uma voz). A linguagem monologizada não considera a palavra como um conjunto em que diferentes significados coexistem, e se esquece que a palavra não é nunca

exata e precisa (Kramer, 2003, 80). Já o diálogo leva em conta a palavra do(s) interlocutor(es) e as condições concretas da comunicação verbal.

“Voz”, conforme definido por Bakhtin, se refere à consciência falante presente nos enunciados e sua característica fundamental é que ela sempre carrega um juízo de valor, uma visão de mundo. O enunciado é composto por diferentes pontos de vista, ou seja, por meio de diferentes consciências falantes ou vozes.

Tais idéias decorrem da natureza ideológica<sup>11</sup> e dialógica da linguagem proposta por Bakhtin. Para ele, a língua não é neutra e não passa a pertencer facilmente às intenções do falante, mas é povoada pelas intenções dos outros. É muito difícil impedir que outros influenciem nossas intenções. Nas propagandas, por exemplo, as intenções dos anunciantes, da empresa, ou até mesmo do meio de comunicação onde está sendo veiculada a propaganda, passam a fazer parte das intenções dos consumidores, já que se espera do consumidor uma “atitude responsiva” (Bakhtin, 1992, 290), ou a compra do produto anunciado (cf.item 3.5, capítulo 3).

Bakhtin insistia na relação *eu/outro*, mas o eu e o outro são universos de valores distintos. Com o relacionamento entre os dois, cada um recebe valorações diferentes, o que nos permite tomar posições axiológicas em cada momento de nossas vidas, com relação a certos valores.

Bakhtin se importava com a dialogização das vozes sociais e o encontro sociocultural que essas proporcionam, bem como a dinâmica que assim se estabelece, por se apoiarem mutuamente, se diluírem em outras e assim por diante. “Em outras palavras, ‘o verdadeiro ambiente de um enunciado é plurilingüismo dialogizado (são as fronteiras) em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais” (Faraco, 2003, 57).

Nos enunciados que constituem as relações dialógicas<sup>12</sup>, tanto o discurso monológico como o discurso heteroglóssico podem estar presentes. O que diferencia

---

<sup>11</sup> A palavra ideologia é usada no Círculo de Bakhtin referindo-se ao “o universo que engloba a arte, ciência, política, etc., todos os produtos da cultura dita imaterial” (Faraco, 2003, pg 46).

<sup>12</sup> Relações dialógicas são relações de sentido de um tipo especial que se estabelecem entre enunciados ou mesmo no interior de enunciados.

o discurso monofônico do heteroglóssico (polifônico) são os recursos discursivos escolhidos pelos falantes. Como já abordado anteriormente, no discurso polifônico há uma pluralidade de vozes, que são perceptíveis; enquanto que no discurso monofônico, há apenas uma única voz e essa pode ocultar as relações dialógicas.

Os sujeitos falantes refletem as vozes sociais e essas diferentes vozes ecoam entre os interlocutores e para além deles. Baseando-me nessa idéia de que o discurso se constitui através da apropriação dos enunciados de outros é que observarei as diferentes vozes existentes no gênero propaganda televisiva.

#### **4.4 Ironia**

A ironia pode ser descrita como “dizer uma coisa e significar outra”. Essa explicação é, entretanto, limitada, pois falta considerar “a natureza intertextual da ironia: o fato de que um enunciado irônico ‘ecoa’ o enunciado de um outro” (Fairclough, 2001, 158).

Nas condições de comunicação dialógica surge o discurso bivocal, e a ironia é um exemplo deste tipo de discurso. “Nela, a palavra tem duplo sentido: volta-se para o objeto do discurso como palavra comum e para o outro discurso. A consideração pelo discurso de um outro implica, na verdade, o reconhecimento do segundo contexto como meio de perceber o significado da ironia” (Castro, 1997, 130).

Segundo Castro “pode-se entender o texto irônico como o resultado de uma operação dedutiva de contradição ou contrariedade em que se recupera o elemento pressuposto como a verdadeira expressão da significação” (Castro, 1997, 130). E argumenta ainda, que “ironizar é dizer algo pelo enunciado e, portanto, remeter à enunciação, mas é também, sobretudo, voltar-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma idéia oposta e, ainda mais, no mesmo instante em que ela é enunciada” (Castro, 1997, 130).

E conclui dizendo que “o enunciado irônico é interpretado, então, como uma pluralidade de vozes orientadas nos eixos da contrariedade e/ou da contradição” (Castro, 1997, 130), o que se justifica através da existência de opostos no texto irônico.

Para que ocorra a ironia é preciso que os intérpretes sejam capazes de reconhecer que o significado de um texto dito não é o significado de quem produziu o texto. Ela é um recurso que evidencia a relação dialógica da linguagem, ou a presença do outro, propondo novos valores, sem que os anteriores sejam apagados.

O reconhecimento do texto irônico está ligado a vários fatores, como:

- 1) falta muito evidente de combinação entre o que se quer dizer e o que foi dito;
- 2) indicação no tom da voz do falante, e;
- 3) pressuposto dos intérpretes sobre quem está falando.

Ao analisarmos as propagandas (cf. capítulo 6), observamos que os textos desse tipo de gênero recorrem à ironia para introduzir múltiplas vozes em seu discurso.

#### **4.5 Intertextualidade**

O termo intertextualidade foi criado por Kristeva no final da década de 60 e não por Bakhtin (Fairclough, 2001, 133), mas o desenvolvimento de uma abordagem intertextual para se analisar textos foi um tema presente em seus diversos trabalhos ao longo de sua carreira.

Bakhtin destaca a forma como os textos e os enunciados se ajustam de acordo com textos anteriores e subseqüentes. Para ele, todos os enunciados, independente da modalidade, são demarcados por mudanças do falante e estão ligados aos enunciados anteriores e enunciados antecipados de falantes seguintes. Os enunciados são produzidos a partir de pedaços de enunciados de outros, e ainda

nossa fala... é preenchida com palavras de outros, variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, retrabalhamos e reacentuamos (Bakhtin apud Fairclough, 2001, 134).

Segundo Bakhtin, um texto apresenta relações intertextuais horizontais com os textos subseqüentes e os textos que o precederam. Desta forma, os textos incorporam outros textos como se estivessem respondendo-os, ou seja, “os enunciados são intertextuais, construídos por elementos de outros textos” (Fairclough, 2001, 134).

Há dois tipos de intertextualidade, a *intertextualidade manifesta* e a *intertextualidade constitutiva* (interdiscursividade). A intertextualidade manifesta refere-se ao “caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto” (Fairclough, 2001, 153) e está sugerida por traços na superfície do texto, como as aspas. Já a intertextualidade constitutiva é a forma como um tipo de discurso é constituído: nesse caso, alguns textos são incorporados a outros, sem que seja explicitamente sugerida esta incorporação.

O conceito de intertextualidade aponta para como os textos transformam os textos anteriores reestruturando-os para gerar novos textos, estratégia muito comum nas propagandas analisadas nesta pesquisa (cf. capítulo 6, item 6.1 ).